

De CAIO GAGLIARDI

Arrasto comigo planos dilatados de tempo
balofos resmungando maledicentes
como a ferrugem numa velha corrente
Carrego distraído a graxa de um impulso indecente
palavrão em boca de crente
com o passo lento
do homem
sem alento

Nos bastidores da razão
lavra uma intriga antiga
a intrujar-se em outra,
em outra e outra.
Meu pensamento, a sério,
é contrariedade.
Minha única identidade,
carrego-a no bolso.
Queima a confiança
que faço como um murro
direto no baço.
Quem é que diz
quando ouço?
Um excesso de forças
espalha-me por outro espaço
e o que sinto em comum
é urgência
cansaço.
Um gosto amargo de urgência
adensa-me outro,
acautelado de mim.
O que posso te dar é já
o que desfaço
- sumário -
suspeita de que a dor
de ser
é uma vontade
de abraço.

A porta da sala entreaberta
O som do chuveiro atravessa
e vem acomodar-se
na minha vontade de carne.
Aguardo, como uma besta que espreita,
o contorno de desprezo que molda
sua lascívia.

Sepulta no fio de sangue
que serpenteia da ferida aberta,
a metálica ofensa da tua força exilada.
Somos eu e essa faca, agora, disputando espaço.
Há quanto o golpe vem se desferindo em minha direção?
O metal vive, ainda perfura.
Até quando carregarei esse teu grito em minha carne?

Yoga

Na praça, um grupo pequeno
procurando desenredar-se
da areia movediça transparente

Ao contrário das aves sem penas,
em câmera lenta, eles
podiam voar.

Estremecia
diante da beleza desconhecida

Os dias passavam logo
e voltam lentos agora,
cheios
no calendário da memória

Por um instante
pensei estar à
mercê das coisas
novamente.

Ouço uma gota cair numa poça
Queria ser essa gota
e despencar, desmanchar, e virar poça
Para que as rodas dos caminhões
me espalhassem por toda parte